



## FORMAÇÃO TERRITORIAL E A GÊNESE DE UMA REDE EMBRIONÁRIA NO OESTE GOIANO

Érika Munique de Oliveira <sup>1</sup>

### RESUMO

Neste estudo foi realizado uma abordagem teórica sobre formação territorial e a gênese da rede embrionária no Oeste Goiano. A narrativa contextualiza a rede de relações que se formou durante e após a mineração, período que abrange os séculos XVIII e XIX. Constata-se que a rede embrionária emergiu durante a exploração mineral, momento que núcleos urbanos surgiram e ocorreram as primeiras conexões/trocas entre eles. Terminada a fase do ouro, a pecuária e agricultura se estabeleceram como principais atividades econômicas. Neste período, foi observado que novas nucleações se estabeleceram e demandas surgiram em volta destas atividades, ampliando as comunicações entre os núcleos urbanos. O diálogo com fontes históricas e geográficas contribuíram para a análise dos acontecimentos e para a representação cartográfica das conexões.

**Palavras-chave:** Gênese, Rede embrionária, Oeste Goiano.

### RESUMEN

En este estudio se realizó un abordaje teórico sobre la formación territorial y la génesis de la red embrionaria en el oeste de Goiás. La narrativa contextualiza la red de relaciones que se formó durante y después de la minería, un período que abarca los siglos XVIII y XIX. Parece que la red embrionaria surgió durante la exploración minera, cuando surgieron los centros urbanos y se produjeron las primeras conexiones / intercambios entre ellos. Tras la fase aurífera, la ganadería y la agricultura se consolidaron como las principales actividades económicas. Durante este período, se observó que se establecieron nuevas nucleaciones y surgieron demandas en torno a estas actividades, ampliando las comunicaciones entre los centros urbanos. El diálogo con fuentes históricas y geográficas contribuyó al análisis de eventos y a la elaboración cartográfica de conexiones.

**Palabras clave:** Génesis, Red embrionaria, Oeste de Goiás.

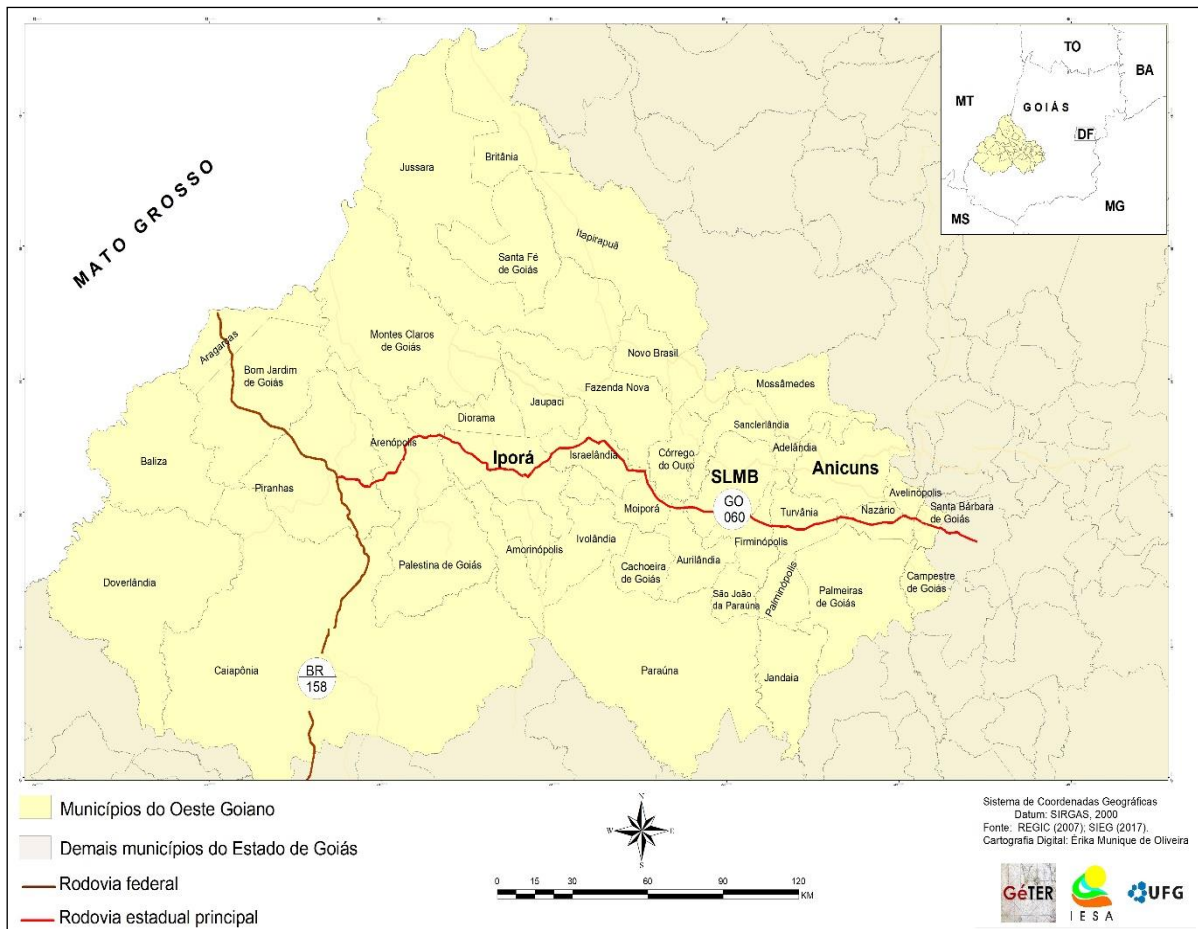
### INTRODUÇÃO

A narrativa que será apresentada compõe uma das reflexões realizadas no primeiro capítulo da tese de doutorado intitulada “Rede urbana e Escalas de Segregação Socioespacial no Oeste Goiano”.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás - IESA/UFG, rika.munique@gmail.com.

O Oeste Goiano, conforme mostra a figura 1, é uma área que abrange centros urbanos que se encontram funcionalmente articulados. A opção por este recorte se deve à importância econômica de centralidades como São Luís de Montes Belos, Iporá, Anicuns e suas áreas de influência, que abrangem, sobretudo, a referida região.



**Figura 1** – Localização do Oeste Goiano.

A compreensão desta realidade demandou uma leitura das ações que se desenvolveram ao longo do tempo, uma vez que as formas espaciais contemporâneas revelam em sua essência conteúdo do passado. Nesse sentido, a proposta deste estudo consistiu em uma discussão pautada na gênese da rede embrionária na região, tendo como enfoque teórico sua formação territorial.

A pesquisa bibliográfica revela a necessidade de uma fundamentação teórica que contemple a natureza e o significado da formação territorial do Oeste goiano no sentido de apreender as manifestações de processos externos e internos na constituição de uma rede urbana regional. Aprender isso se faz necessário para avançarmos na compreensão de uma região marcada por contradições no seu processo de estruturação,



ao mesmo tempo que nos permite ampliar o debate acerca da formação territorial e da estruturação de sua rede urbana, variáveis imprescindíveis para compreendermos a dinâmica socioespacial dessa região.

Nesse contexto, apoiamos na contribuição de autores que pensam a natureza e o significado da constituição do território, assim como nos elementos históricos e geográficos que contextualizam a rede embrionária do Oeste Goiano e, a partir disso, elaboramos uma reflexão que está apresentada ao longo deste texto.

## **METODOLOGIA**

A escrita deste artigo baseou-se na seguinte estrutura de análise: formação territorial, constituição dos primeiros núcleos urbanos e a gênese de uma rede embrionária no Oeste Goiano. Em relação aos procedimentos metodológicos, dividimos em duas etapas: pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Na primeira etapa de pesquisa foi visitado o acervo bibliográfico virtual e impresso da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Estadual de Goiás (UEG) dos quais foram consultados livros, artigos e dissertações sobre formação territorial, povoamento em Goiás e as conexões estabelecidas. O objetivo foi dialogar com autores em diversas áreas do conhecimento, refletir sobre a formação do território goiano e compreender a gênese da rede embrionária no Oeste Goiano.

A segunda etapa corresponde à análise de documentos em instituições públicas, sendo realizadas pesquisa virtual na Biblioteca Nacional, no Acervo Histórico do Estado de Goiás e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para levantamento de dados sobre a formação de núcleos urbanos no Oeste Goiano nos séculos XVIII e XIX. Os resultados obtidos possibilitaram a compreensão da realidade investigada e será abordada ao longo desta narrativa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Como a formação territorial nos permite apreender uma realidade regional e de que maneira a política e as tramas territoriais reverberam essa realidade? Estas questões acompanham a construção do presente e do passado de uma região que remonta



o processo de ocupação no século XVIII, o Oeste Goiano. Quando falamos em formação, estamos olhando para a maneira como o território é construído, o que suscita a compreensão de sua formação na perspectiva de processos e ações. Raffestin (1980, p.143) assinala que o território é resultado

de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço. Ele é produção por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder.

A formação do território, nesse contexto, “envolve sempre, em algum nível e em algum momento a difusão do modo de vida da sociedade em sua expansão diretamente política (como a conquista de “novas” terras) (MORAES, 2000, p.23)” sendo fruto de um processo contínuo e cumulativo que abrange os usos do solo, formas de ocupação e as hierarquias entre os lugares, assim como, as lutas, hegemonias, violências e atos políticos.

O esmiuçamento dos processos de formação territorial indica que seus resultados são construções bélicas, jurídicas e ideológicas. O componente militar impõe-se na medida em que o domínio espacial deva ser concretizado e mantido continuamente, e o exercício da soberania implica um poder efetivo sobre os espaços de jurisdição. Contudo, os territórios não se mantêm apenas pelo recurso à força e à violência, envolvendo também instâncias de legitimação do domínio e do poder praticados, o que redundam em formas jurídicas de reconhecimento dos direitos de soberania (interna e/ou externamente aos espaços em questão). Nesse sentido o território é também uma construção política, que deve ser reiterada por meio de pactos e disputas sociais. Até por isso, a formação territorial apresenta ainda uma faceta de escrita elaboração ideológica, resultando em constructos discursivos que comandam tanto a consciência dos lugares quanto sua produção material (MORAES, 2000, p.21-22).

Se olharmos para o processo de colonização é possível perceber os elementos listados por Moraes (2000), dentre eles a violência, a legitimação do domínio, a jurisdição dos espaços, a ideologia, etc. Estes acontecimentos formaram o que conhecemos hoje por território brasileiro.



A constituição do território nacional brasileiro se fez calcada nessa herança espacial colonial. É sobre o território da colônia – conjunto de formas pelas quais se estruturou um sistema produtivo e uma vida social dos portugueses – que começa a edificação do espaço nacional, após a emancipação política cria o novo país. A primeira tarefa da nação recém-independente foi exatamente garantir a soberania sobre as diferentes regiões da antiga colônia. A unidade política nacional teve de ser estabelecida sobre as instituições, equipamentos e circuitos preexistentes. A herança colonial, no que importa à dimensão espacial, teve sua influência integral na definição da nova situação. As construções, os assentamentos de população, os usos do solo, apresentavam-se intatos – na forma desenhada pelos interesses coloniais – em fase do novo Estado (MORAES, 2000, p.26-27).

O território goiano também foi resultado da herança colonial. Os interesses econômicos externos impuseram um modelo de organização espacial voltada unicamente à exploração. O sistema produtivo e uma vida social muito diferente da existente foram instalados sobre a prática da violência, do domínio, da absorção de povos, culturas e sobre o estabelecimento de fronteiras sociais, econômicas e política.

As fronteiras estabelecidas acompanharam o regime de produção arraigada nos interesses particulares e objetivou a ampliação do sistema produtivo. O encontro com o ouro e o diamante no século XVIII, por conseguinte, fez surgir os primeiros assentamentos populacionais em Goiás. Nesse mesmo período caminhos foram abertos para a comunicação entre áreas de mineração. É nesse contexto que uma rede embrionária começou a se formar no Oeste Goiano, ampliando as relações preexistentes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O contexto de formação do urbano no Oeste Goiano teve início quando tropeiros encontraram diamantes no Rio Claro. Este encontro direcionou significativo contingente demográfico e fundou o primeiro arraial denominado Bonfim (atual Israelândia).

Transcorridos dois anos de inauguração do primeiro arraial, foi construído ao redor do Rio dos Pilões, um povoado que recebeu o nome de Pilões. Este núcleo surgiu nos anos de 1748, com a vinda dos irmãos Brant, mediante contrato de exploração de diamantes firmado com a Coroa Portuguesa. Nesse local, foram erguidas casas coloniais,



guarnições militares e uma igreja, ou seja, elementos que indicavam um modo de vida cidadão em construção.

Na mesma época, em uma viagem de São Paulo a Vila Boa (antigo arraial de Sant' Ana e atual Cidade de Goiás) Bartolomeu Bueno (filho) e sua tropa encontraram uma área habitada pelo povo indígena Guanicuns e descobriram que nas terras havia ouro. Após a constatação se estabeleceram na área para iniciar a exploração do minério e com isso surgiu o povoado de Anicuns

Concomitante aos arraiais de ouro, surgiram os aldeamentos. Eles se estabeleceram em áreas distantes dos rios auríferos e tinham algumas finalidades - acomodavam oficiais do governo (POHL, 1976), alojavam povos nativos no sentido de afastá-los das áreas de interesse da coroa e neles desenvolviam uma agricultura de subsistência para abastecimento das áreas mineradoras (TAUNAY, 1876).

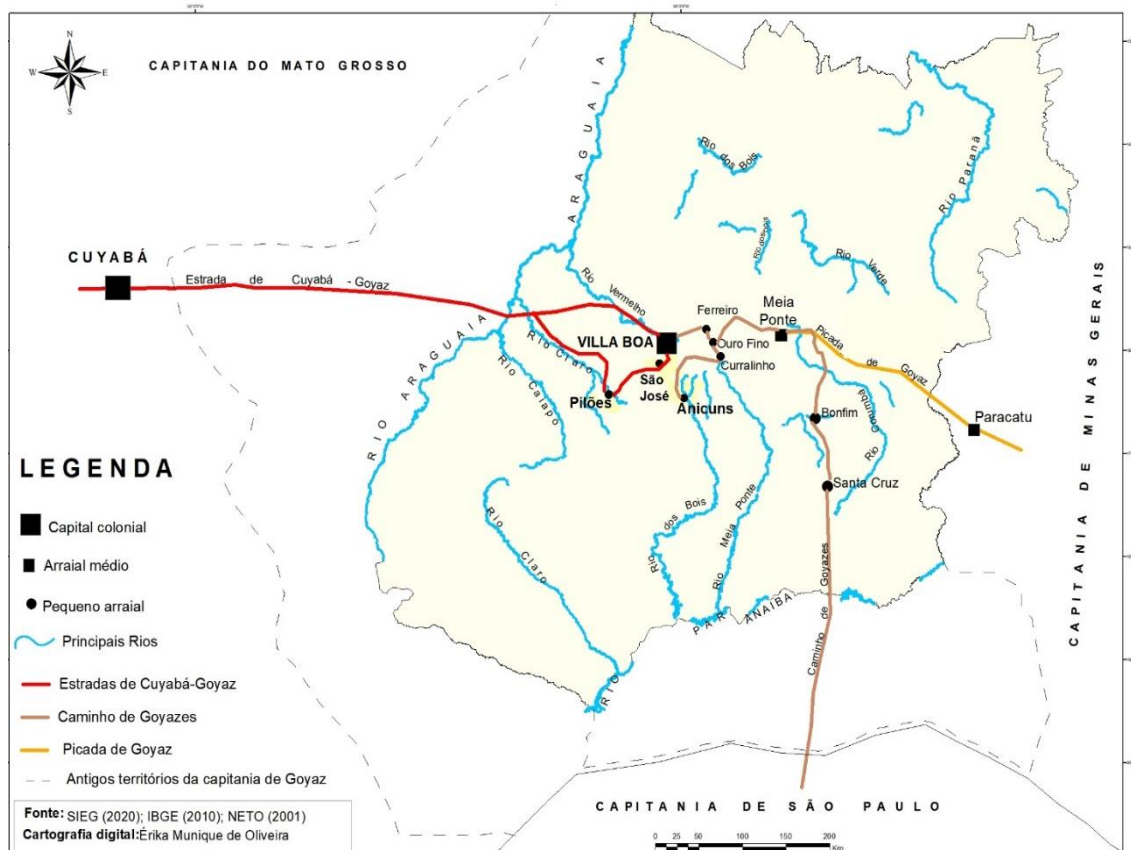
São José de Mossâmedes (atual Mossâmedes) foi um dos aldeamentos mais importantes desse período. Situado próximo à Vila Boa (antigo Arraial de Sant' Ana), alojou muitos indígenas, especialmente aqueles que habitaram as áreas dos Rios Vermelho, Claro e Caiapó (CHAIM, 1983).

Vila Boa consistia em um dos mais importantes núcleos do garimpo, pois nela foi instalado a estrutura administrativa, a superintendência das minas, capelas, comércios, serviços e concentrou-se a mais densa população que apontava uma localidade central. De Vila Boa abriram-se caminhos que conforme Barbo & Ribeiro (2015, p.274) seguiram algumas direções.

O primeiro caminho dirigia-se para o leste e depois para o sul, passando por Paracatu, em Minas Gerais, até a Capitania do Rio de Janeiro, era conhecido como Picada de Goiás; outro seguia na direção oeste, passava por Cuiabá e seguia até Vila Bela, na Capitania de Mato Grosso, era a Estrada de Cuyabá; o terceiro também conhecido como a Estrada da Bahia ou Caminho dos currais e Bahia, dirigia-se para o leste e depois para o norte, passando por Couros e São Domingos até Salvador; o quarto caminho levava a todos os arraiais do norte de Goiás, chamado de Estrada do Norte e por fim, o quinto seguia na direção sul-sudeste, passava por Mogi e fazia a ligação com São Paulo, sendo, na verdade, o primeiro caminho oficial da região, mais conhecido como Caminho de Goyazes.



Como a maioria das viagens eram realizadas majoritariamente pelas vias fluviais, as rotas terrestres significaram a ampliação das possibilidades de trocas entre os núcleos urbanos no século XVIII ao mesmo tempo que colocou em evidência a constituição de uma rede embrionária no Oeste Goiano, conectando núcleos urbanos com outras partes do território brasileiro (figura 2), permitindo, dessa forma, o desenvolvimento de relações comerciais.



**Figura 2** – Conexões estabelecidas no século XVIII.

A estrada que permitia a conexão com o Oeste Goiano seguia pelo Rio Vermelho, passava pelo Rio Claro e no retorno a capital colonial seguia o mesmo trajeto passando pelo povoado de Pilões e São José (Mossâmedes). Para alcançar a metrópole principal a estrada uniu-se ao caminho de Goyazes que passava em Ferreiro, Ouro Fino, seguia para Meia Ponte, Bonfim, Santa Cruz e adentrava São Paulo. Essa estrada se tornou o caminho mais curto para acessar os principais núcleos do garimpo e contribuiu para o comércio de Cuiabá, uma vez que existia apenas uma rota fluvial que permitia chegar até a metrópole principal (LEMES, 2013).



Se a estrada de Cuiabá-Goiás representou para o Mato Grosso a oxigenação necessária para o florescimento econômico, no Oeste Goiano viabilizou as trocas/conexões entre núcleos urbanos. Por esta estrada circulavam ouro em pó, mantimentos básicos, pessoas ligadas ou não ao governo que levavam informações e buscavam novas áreas para exploração; circulavam também missionários e povos indígenas que eram levados para os aldeamentos.

Desse modo, as vias se tornaram os meios pelos quais a comunicação entre os núcleos urbanos se realizava, assim como ampliaram as funções locais dos núcleos urbanos existentes. Pilões, um dos primeiros arraiais fundados no Oeste Goiano acumulou função de pouso e tornou-se um importante entreposto comercial entre Vila Boa e Cuyabá.

No início do século XIX o quadro econômico apresentou mudanças, os setores produtivos mais importantes passaram a ser exportação de Gado e agricultura de subsistência. Bertran (1988) assinala que a crise mineradora e o fim do sistema de sesmaria abriram caminhos para ocupação desgovernada da terra e gerou uma forte expansão demográfica de mineiros, paulistas e cearenses para o espaço goiano.

Esse movimento migratório se instalou nas áreas onde se encontram Caiapônia, Paraúna e Palmeiras de Goiás formando fazendas e uma economia pecuária de exportação (BERTRAN, 1978). O gado era autotransportado para Minas Gerais e Bahia, já os produtos agrícolas abasteciam o comércio interno por meio de trocas mercantis, o setor artesanal se desenvolveu e mercadorias como o açúcar, café, algodão, arroz, aguardente e trigo já não faziam parte mais da agenda de importação (BERTRAN, 1978).

Na segunda metade do século XIX, o garimpo foi retomado no distrito diamantino de Rio Claro e conduziu populações para a área, nesse contexto, povoados como Pilões que,

[...] apesar de estar distante cerca de trinta léguas de Vila Boa, a capital, não vivia isolado do sertão. Estradas não faltavam ligando o povoado a outros logradouros. Ao cruzar o vau, para o oeste, a antiga estrada se bifurcava, indo uma para Cuiabá – via Bom Jardim e Baliza ou Registro do Araguaia – e a outra seguia para Torres do Rio Bonito (Caiapônia) e daí até Coxim, no extremo sul do Mato Grosso. Na direção sudeste outra estrada se dirigia para Paraúna e Rio Verde já no século XIX. E quem saía em direção leste, tomava a antiga estrada imperial que levava a Vila Boa (Gomis, 1998, p.54).



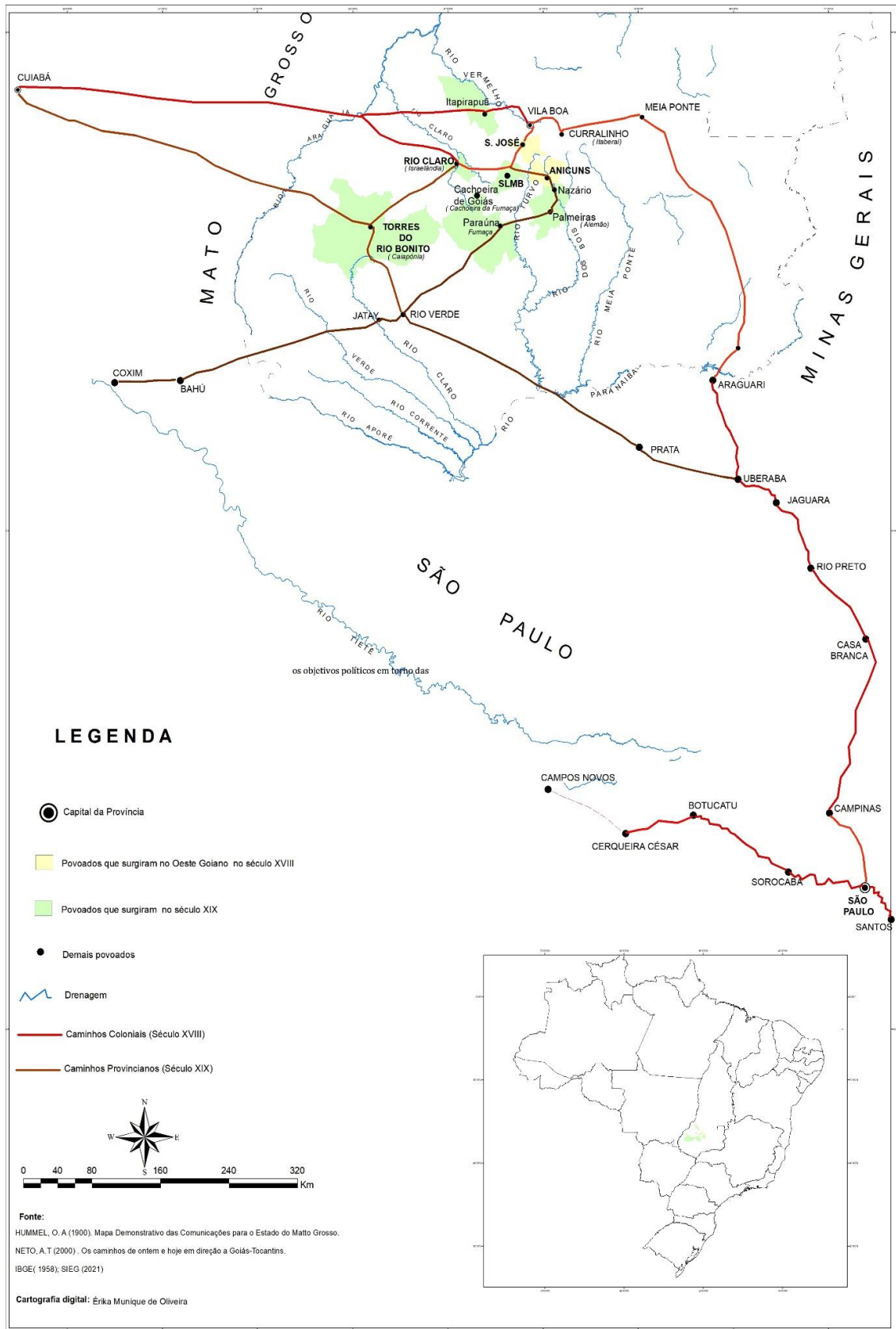


Figura 3 – Conexões até a segunda metade do século XIX.



Na figura 3 observa-se a ampliação das conexões no século XIX e o aparecimento de núcleos urbanos como São Luís de Montes Belos, Torres de Rio Bonito (Caiapônia); Paraúna, Nazário, Cachoeira da Fumaça (Cachoeira de Goiás), São Sebastião do Alemão (Palmeiras de Goiás) e Itapirapuã.

No início do século XX transformações de ordem econômica modificaram as estruturas existentes. Souza (2015) assinala que este período trouxe repercussões significativas para o Oeste Goiano, uma vez que as ações desenvolvidas pelas políticas de ocupação caminharam no sentido de povoar o interior do país, dotar o território de infraestrutura técnica e abrir caminhos para uma nova estrutura produtiva – a expansão agrícola.

Um novo modelo de produção econômica se estabelecia no território brasileiro e redefinia os espaços de moradia da sociedade. No Oeste Goiano, em particular, as redefinições postas pela estrutura produtiva no Centro-Oeste Brasileiro, inseriu a agropecuária como atividade econômica mais importante, o que de certo modo, ampliou-se as redes de circulação e comunicação, tendo a construção da GO-060 como uma das principais artérias de suporte à produção econômica no estado e ao mesmo tempo ao poder político sobre a região.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A mineração, até o final do século XVIII, foi a atividade que contribuiu para a formação dos primeiros núcleos urbanos no Oeste Goiano e para as primeiras interações entre eles. Dessa interação nasceu uma rede que, embora tímida, foi o embrião para a constituição dos processos de trocas, de comunicação e de mobilidade na época.

Terminada a fase do ouro, houve uma readaptação econômica que teve suas esperanças depositadas na pecuária e agricultura, cuja produção quase sempre servia para o autossustento. As redes de relações foram sendo ampliadas nesse período dada a natureza da produção e dos recursos disponíveis.



Os elementos apresentados evidenciam a importância do entendimento da gênese e formação do território no que tange à leitura do passado como elemento fundamental para análise do presente de uma região. O território, nesse sentido, é resultado da ação de diversos atores e sua formação é um processo que revela a forma como o espaço é apropriado e reproduzido.

## REFERÊNCIAS

BARBO, L. C; RIBEIRO, R. J. C. Os Itinerários da Rede de Caminhos de Vila Boa de Goiás no Século XVIII. **Atas do VI Simpósio Luso Brasileiro**, Braga, Portugal. Disponível em <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14330.pdf>> Acesso em jun.2021.

BRANDÃO, A.J. C. **Almanach da Província de Goyaz para 1886**. Goiânia: UFG, 1978.

BERTRAN, P. **Formação Econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.

CHAIM, M. M. **Aldeamentos indígenas**: Goiás, 1749-1811. São Paulo: Nobel; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

GOMIS, M. A. **Uma Viagem no Tempo**: De Pilões a Iporá (1748 – 1998). Goiânia: Nova Página, 2002.

LEMES, Fernando Lobo. Goiás na arquitetura geopolítica da América portuguesa. In: **Revista Tempo**, v.19, n.35. jul./dez. 2013. p.185-209. Disponível em: <<http://scielo.br/scielo/pdf/tem/v19n35/11.pdf>> Acesso em: 8 jun. 2021.

MORAES, A. C. Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.

POHL, J. E. **Viagem no Interior do Brasil**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: Itatiaia, 1976.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1980

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996

SOUSA, A. M. Formação Espacial do Município de Iporá-Go: apropriação capitalista da terra e formação da pequena propriedade rural. **Dissertação** (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Jataí – Go, 2015. Disponível em:



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
**GEOGRAFIA**

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5643/5/Dissertação%20-%20Adjair%20Maranhão%20de%20Sousa%20-%20202015.pdf>. Acesso em dez.2020.

TAUNAY, A. E. **A Província de Goyaz na exposição nacional de 1875**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1876.